

Seguros de vida mistos: outras formas de investir



BEIA SANTOS
 Colunista

"Dinheiro e Direitos" é uma revista consumerista que ganhou credibilidade na área dos temas jurídicos, económicos e financeiros com incidência nos interesses dos consumidores. Não abafamos o nosso entusiasmo com o acolhimento que a publicação tem vindo a obter, pois encontramos em cada novo número rubricas, estudos e análises que dão satisfação a muitos daqueles que procuram decifrar um sem-número de situações do mercado de consumo. É o que se pode constatar com a edição de Janeiro e Fevereiro, como se passa em sumário os conteúdos: — são os fundos mistos uma boa aposta? (são uma espécie de "2 em 1", que procura conjugar a elevada rentabilidade das acções com o menor risco das obrigações; só que para quem pretende constituir uma carteira de investimentos o melhor é optar por fundos especializados em acções ou obrigações); — vítima de agressão: que fazer se, por acaso, foi vítima de um acto de violência? Conheça, por exemplo, os seguros à prova de violência (o seguro de saúde, o seguro de vida, o seguro de protecção jurídica, o seguro dos acidentes pessoais); — a doação de órgãos (existem bancos de órgãos em Portugal? como é estabelecida a prioridade na atribuição dos órgãos? Há mais probabilidades de sucessos se a doação for feita em vida?); — Trabalho temporário (a legislação que regula o trabalho temporário é bastante exigente, mas a fiscalização é ineficaz, o que faz com que os casos em que a lei é "atropelada" continuem a ser, infelizmente, bastante frequentes); — condomínio em 10 questões (muitas dúvidas se levantam quanto à forma de organizar o condomínio e às regras a seguir, por exemplo, se o vizinho instalou uma antena e eu não consigo ver televisão, o que posso fazer? Pois bem,

sempre que haja interferências na recepção do sinal de televisão deve-se avisar o Instituto das Comunicações de Portugal através da linha verde 0800206665).

Pois bem, o estudo no domínio dos seguros condensa-se na pergunta: vale a pena fazer um seguro de vida misto? Há, evidentemente, quem pretenda juntar algum dinheiro para ter uma reforma mais confortável e simultaneamente não quer que a sua família tenha problemas financeiros no caso de morrer prematuramente, podendo contratar um seguro de vida misto. O que a revista "Dinheiro e Direitos" nos vem dizer é que há outras formas mais vantajosas de investir o dinheiro. O estudo foi feito a partir do envio de um questionário a 31 seguradoras, solicitando-se informações sobre os capitais que é possível contratar, a entregas mínimas, os custos cobertos, as rentabilidades atribuídas e os preços. Paralelamente, realizou-se um teste prático junto das 10 maiores companhias do ramo vida e das cinco maiores correctoras de seguros (neste caso, para saber se ficaria mais barato, o que não se verificou) que operam no nosso país.

O que efectivamente se apurou? Quaisquer que sejam a idade do segurado e a duração do contrato, se o consumidor pretender juntar as coberturas de risco e de poupança será mais vantajoso contratar dois seguros distintos: um temporário de vida, para cobrir o risco de morte, e um de capitalização, para assegurar a poupança. Afinal de contas, a contratação de dois seguros (em vez de "2 em 1") representa um ganho, em termos de capital acumulado no final do contrato, que cresce à medida que aumenta a idade da pessoa segura. Além disso, num seguro misto, é muito difícil fazer alterações nas coberturas contratadas ou mesmo desistir de algumas delas.

Assim, para cobrir o risco de morte, a "Dinheiro e Direitos" atribuiu o título de escolha acertada a três seguros temporários de vida: Real (até aos 25 anos do segurado), DB Vida (entre os 25 e os 40 anos) e o Zurich Life (a partir dos 40 anos). Quanto aos seguros de

capitalização, que se destinam a assegurar a reforma os melhores são o Dircap (Abrille Vie), o Gancapi (Gan), Top Futuro Postal (CTT), o Top Reforma (grupo Caixa Geral de Depósitos), o Investimento Zurich (Zurich Life), o Novo Aforro Familiar (grupo Banco Português de Investimento), o Barclays Premium - LRS (Barclays Bank).

Mas, no que respeita à reforma, ainda existem outras possibilidades: os fundos de acções, os planos de poupança em acções e os planos de poupança-reforma. A "Dinheiro e Direitos" alegou como escolha acertada, no grupo dos fundos de acções, o BCI Acções Portugal (Banco de Comércio e Indústria), o Eurocapital (Banco de Fomento & Exterior e Banco Borges & Irmão) e o Fundo Mercados Emergentes (Banco Comercial Português e Nova Rede). Quem

preferir a via dos planos de poupança em acções encontrará no Espírito Santo Poupança Acções (Banco Espírito Santo) e no BCI PPA (Banco de Comércio e Indústria) as melhores opções. Finalmente, no que se refere aos planos de poupança-reforma, o Barclays FPR (Barclays Bank), o BIC PPR Plano Particular de Reforma (Banco Internacional de Crédito), o PPR Plano Poupança Real (Real Vida), o Gancapi PPR (Gan), PPR Fidelidade (Grupo Caixa Geral de Depósitos), PPR American Life (Alicó) e o Zurich PPR (Zurich Life).

Caso o leitor pretenda mais esclarecimentos, sugere-se que contacte a revista "Dinheiro e Direitos", Edideco-Editores para a Defesa do Consumidor, Lda. Av. Eng. Arantes e Oliveira, 13-1.º B. Olaias, 1900 Lisboa. Telefone 01-8410800 e fax 01-8410801.

BIBLIOGRAFIA

PARA SI

Dicionário Visual Verbo

É um dicionário impar, como prezado leitor irá seguramente ajuizar. Temos aqui uma primeira resposta satisfatória a situação comum de folhearmos um dicionário. Ninguém desconhece que nos sucede frequentemente encontrarmo-nos face a um objecto sem termos capazes de identificar ou de o descrever. Não conseguimos encontrar os termos. Neste dicionário visual é a imagem que define o termo. A experiência prova que a imagem excita a curiosidade para se inscrever rapidamente na memória de cada um.

Singularidade também deste dicionário visual: o conteúdo abrange todos os domínios da vida quotidiana, destina-se a todos aqueles que pretendem enriquecer o seu vocabulário. Aqui pode dizer-se sem exagero que se trata de uma obra marcante pela sua originalidade, realçada pela qualidade das suas ilustrações.

Continuemos. Não é um dicionário de língua, nem enciclopédico, nem a enciclopédia onde se arrumam disciplinadamente os vocabulários especializados. É, isso sim, um dicionário de orientação terminológica. A sua intenção é colocar ao alcance do grande público o vocabulário exacto. Os termos definem-se uns em relação aos outros no interior de agrupamento que se encaixam. Daí a estruturação desta obra em domínios, tempos, objectos específicos e partes desses objectos.

De acordo com os elementos da divulgação fornecidos pela Editorial Verbo, é o primeiro dicionário que reúne numa só obra os milhares de termos mais ou menos técnicos de uso corrente na nossa sociedade onde as ciências, as técnicas e os seus produtos fazem parte da vida quotidiana. As ilustrações são feitas por computador, daí o seu elevado nível de realismo. O Dicionário Visual Verbo compara três línguas, permitindo ao leitor beneficiar de informações precisas sobre as semelhanças ou as diferenças entre os idiomas.

Cancro e alimentação (I)

EMÍLIO PERES

A investigação moderna acerca das ligações entre cancro e comida é vastíssima. E podemos afirmar que a maioria dos cancros é causada por práticas alimentares nefastas ou, pelo menos, que tais práticas contribuem para viabilizar, desenvolver e agravar cancros com outras origens.

Os conhecimentos actuais são suficientemente seguros para definir qual a prática alimentar melhor para reduzir a frequência e a gravidade das moléstias cancerosas. Em consequência, instituições governamentais de alguns estados e numerosas sociedades nutricionistas, médicas e de promoção da saúde de todo o mundo têm formulado recomendações alimentares facilmente exequíveis pelas populações das regiões

onde actuam, e têm-nas divulgado com maior ou menor êxito.

Em Portugal, desgraçadamente, não se lançou até agora qualquer programa de educação alimentar dirigido especificamente à prevenção do cancro. E com a presente suspensão das actividades do Conselho Nacional de Alimentação e Nutrição, um programa educativo para Portugal tardará ainda mais.

As relações profundas entre cancro e o que se come são complexas. Daí que a investigação se desenvolva com objectivos e meios muito diversos. Por exemplo, a par de estudos epidemiológicos que tentam relacionar o estilo de vida de uma população com a prevalência de cancro nessa população, desenvolvem-se outros estudos muito diferentes que, no laboratório, em animais, ou em grupos hu-

manos, tentam desvendar o efeito de substâncias isoladas potencialmente nocivas ou presumivelmente protectoras.

Como a quantidade de trabalhos é grande e, muitas vezes, são contraditórios, a comunicação social veicula preocupantemente notícias que criam sensação, seja pelo medo ou pela esperança que transmitem. Mas a verdade é diferente: há, de facto, um conhecimento substancial do que é útil para a saúde e do que faz bem ou mal. E, na verdade, o flagelo da doença já está a diminuir em países que se interessam pela saúde dos seus cidadãos (e não apenas pelas suas doenças).

O cancro não está só. A alimentação proporciona saúde desde que seja equilibrada a proporção entre vários alimentos utilizados, desde que

esses alimentos sejam de qualidade (o que depende do modo como são produzidos ou fabricados, conservados e cozinhados), e desde que a quantidade global de comida não faça engordar.

Por debaixo do jogo entre agressores e protectores alimentares, sempre presentes em tudo o que se come, está a natureza das pessoas. Por isso, as mais susceptíveis, ou seja, as que pertencem a famílias onde as causas são mais frequentes, e as sujeitas a agressões cancerígenas, como fumo, irradiações, meio inquinado, certas infecções víricas, etc., mais cuidadosas devem ser com a maneira como comem.

Nos últimos 40 anos, a frequência de doenças cancerosas tem crescido tragicamente nas sociedades de consumo, nas quais os costumes alimentares

se têm adulterado muito e onde se verifica a adaptação de estilos de vida antinaturais.

A felicidade de dispomos hoje de meios para diagnóstico precoce e para tratamento eficaz tem conseguido reduzir muito a mortalidade por cancro. Mas essa maravilha não oculta que o número de casos continua a subir. E em Portugal, de modo preocupante.

A natureza e constituição dos alimentos actualmente produzidos pela indústria e as novas maneiras de comer prejudicam a saúde.

Os desregramentos e excessos da alimentação de estilo urbano não são apenas responsáveis pelo cancro. Também por todo o conjunto de doenças metabólicas e degenerativas crónicas que hoje mais afectam as populações das sociedades de consumo.